

Paula Tura ([turapaula@gmail.com](mailto:turapaula@gmail.com))

(<http://lattes.cnpq.br/6577113768792175>)

Norberto Stori ([norberto.stori@mackenzie.br](mailto:norberto.stori@mackenzie.br),  
[nstori@mackenzie.br](mailto:nstori@mackenzie.br))

“Na *performance* há uma acentuação muito maior do instante presente, do momento da ação (o que acontece no tempo “real”). Isso cria a característica de *rito*, com o público não sendo mais só um espectador, e sim, estando numa espécie de comunhão” (COHEN, 2011, p.97)

Este artigo é composto por alguns subtítulos os quais são iniciados pela desconstrução da fórmula que compõe o título da *performance* através do parágrafo **A construção do título** onde são analisadas as letras e números que compõe a fórmula e o seu embasamento teórico. No parágrafo seguinte, **Arte como inspiração**, a autora relata obras de outros artistas e as reflexões que estes trabalhos provocaram. No parágrafo **A Performance**, há a descrição da *performance* em si incluindo a **Conduta durante a performance**, ou seja, as regras estabelecidas previamente e a **Permanência no L.O.T.E. 2013** que descreve a experiência em si, o público e a ideia inicial em contrapartida ao acontecimento real.

A autora e *performer*, recém iniciada no mundo da maternidade e experimentando sua morte enquanto mulher e seu nascimento enquanto mulher-mãe percebe que o momento do pós parto, ou seja, o período do nascimento até 01 ano de vida do bebê, seria um momento precioso de transformação, reflexão e autoconhecimento. Desta forma, propôs-se a enfrentar através da arte, as agruras da solidão, isolamento, tecnocracia, patriarcalismo ao qual se percebeu acometida. Assim, pensou em uma *performance* na qual pudesse evidenciar seus questionamentos e o momento em que estava vivendo. Concebeu esta *performance* onde a relação mulher-artista, mulher-mãe, mulher-reflexiva, mulher-puérpera estivesse presente e explícita; assumindo assim a condição de Vida Nua mas não desnuda pois torna-se consciente e agente de suas convicções.

## A construção do título

A expressão Vida Nua (VN) é utilizada pelo filósofo italiano Giorgio Agamben (2002) com a intenção de mostrar o estado de exceção aos quais política, econômica e socialmente alguns grupos sociais são submetidos. Entende-se por Vida Nua a vida que pode ser eliminada sem qualquer ônus como os refugiados, mendigos, homossexuais, prostitutas, mulheres e crianças.

### a) As *Performers* e suas definições

Para a construção da fórmula transformou-se o gênero e as características das *performers* em número como pode se ver através da tabela a seguir:

Nome	Gênero	Característica	Idade
Paula	Feminino	mãe	39 anos e 02 meses
Lia	Feminino	criança	06 meses
Total	02 mulheres	01 mãe 01 criança	39,8

### b) $VN = 39,8$

39,8 é o total da somatória da idade das *performers*. Eleva-se esta somatória à 4ª potência no intuito de explicitar a condição de nudez de suas vidas uma vez que se tem 02 mulheres sendo 01 mãe e 01 criança o que totaliza o estado de exceção e fragilidade à 4ª potência

### c) Título: $VN = \sqrt[4]{39,8}$

Desta forma obtêm-se a fórmula acima como proposta de *performance* de que aborda a vida nua e o pós parto

## ARTE COMO INSPIRAÇÃO

Com o intuito de aprofundar esta *performance* a autora se remeteu às obras de arte que pudessem retratar este momento de pós-parto. Num primeiro momento veio à mente os quadros renascentistas. Quando observados atentamente a autora notou que a maioria deles retratava os bebês e suas mães de forma serena, algo um tanto quanto distante do que a autora estava vivenciando. Para o pós-parto requer-se mais do que plenitude; requer-se paciência, resignação, aceitação das noites sem dormir, da falta de tempo para o asseio, do surgimento de olheiras e um continuo de cabelos despenteados.

Realizou-se então uma pesquisa por esculturas. Não encontrou nenhuma referência a mulheres e crianças que pudesse atribuir características de pós-parto nas esculturas em areia. No entanto, encontrou esculturas em grama e em gelo como se vê a seguir nas figuras 01 e 02:



Fig. 01. Mathilde Roussel. *Lives of grass 1*, 2010.  
Terra, sementes de grama, metal reciclado, tecido



Fig. 02. Events Department. *Escultura em gelo.*

As duas obras explicitam a atuação simples dos elementos da natureza e exigem um treino de olhar de quem os contempla para as sensações sublimes a que podem remeter o observador.

Para a *performance* Vida Nua estas esculturas propõe a ideia de que nossos corpos, ao estarem em um ambiente de dignificação podem transcender as agruras diárias do pós-parto como a adaptação ao novo, o cansaço, a rotina, as expectativas sociais para o alcance de uma nova consciência de mundo proveniente da relação com um bebê completamente dependente de afeto, alimento e cuidados básicos. Estas esculturas são tão sensíveis quanto o processo de nascimento do bebê e da mulher-mãe.

Após o encontro das esculturas de grama (Fig. 01) e gelo (Fig. 02) a autora buscou referência nos desenhos rupestres da Serra da Capivara, no Piauí/BR (datadas de 8 mil anos A.C) Contemplou por longos momentos estas figuras atentando-se principalmente a figura do nascimento humano (Fig. 03); era como se a mente vagasse por um espaço entre a realidade e a ficção e pudesse-se testemunhar o que há de mais belo no mundo. Através destes desenhos rupestres houve a absoluta certeza de que a mulher precisa assumir-se ser humano inteligente, sensível e forte; que deve retomar seu lugar de conhecedora dos mistérios do mundo sem deixar-se seduzir por ofertas baratas que a levam a infantilidade e a irreflexão. As figuras rupestres provam, através de seus registros que cada um tem

o seu lugar e isto deve ser respeitado, pois não há desmerecimento em assumir-se como se é.



Fig. 03. *Pintura rupestre*. Serra da Capivara, Piauí/BR.

## **A PERFORMANCE**

Durante a exposição intitulada L.O.T.E (Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço) 2013, realizada em outubro no Instituto de Artes da UNESP, SP, foi montado um módulo de madeira retangular nas medidas 2m x 1,20m x 30cm, recoberto por uma colcha de cama de casal branca, acolchoada com detalhes em renda, para receber as *performers*.

A autora e sua filha permaneceram por três horas seguidas sobre este módulo em três dias distintos da exposição, totalizando, nove horas de *performance*. Seu deslocamento de ida e volta da exposição era feito por transporte público e com vestimentas normais do dia-a-dia. Ao chegarem ao seu espaço dignificado vestiam-se com as roupas definidas para a *performance*: Paula vestia uma regata vermelha e calça comprida branca e Lia um macacão vermelho. Antes de deixarem o módulo também se trocavam deixando suas roupas de *performance* dobradas sobre a cama.

A cor das roupas possui um significado: a criança veste vermelho, uma cor que a autora relacionou à ação, à vida, ao movimento, à erupção vulcânica do parto natural através do qual a bebê nasceu. A mãe veste calça branca e blusa vermelha, neste caso, o branco da calça significa que a quantidade de vermelho da mãe já

está restrita uma vez que esta foi de alguma forma moldada ao ambiente no qual vive, à sociedade na qual ela está integrada; por outro lado pode-se entender também que o branco é uma cor neutra, a cor da paz, a cor que não toma partido, a cor que aceita o que lhe é oferecido.

Sobre a cama havia apenas um espelho pequeno, uma blusa branca de frio para Paula e um gorro branco para Lia em caso de frio ou vento.

O objetivo desta *performance* foi sacralizar e valorizar a experiência da maternidade, em especial durante o período de pós parto propondo que este seja vivido como um convite a reflexão, ao reconhecimento da fragilidade da vida, ao fortalecimento dos laços afetivos entre nossa espécie além dos gêneros, classes sociais e etnias. A ideia surgiu da percepção de que o início da maternidade, talvez pela extrema sensibilidade sentida pela mãe uma vez que esta passa de mulher a mulher-mãe; total dependência do bebê: amamentação, asseio, acalento, estímulos e presença constante da mãe, ambos imersos em ausência de acolhimento social e assim ignorados em suas necessidades, é vivida dentro de casa quase que em isolamento, o que pode ser entendido também como um momento onde se percebe o quão mulheres e crianças são presas fáceis em uma sociedade patriarcal, machista e tecnocrata.

Refletindo sobre os aspectos: patriarcal, machista e tecnocrata da sociedade encontramos:

- A discriminação com relação à mulher em seu ambiente de trabalho, pois se ela ainda não tem filhos os terá e causará uma baixa na produção uma vez que ficará ausente por determinado período. Quando do seu retorno da licença maternidade, ainda possui estabilidade e não pode ser dispensada. A mesma terá que evitar que seus filhos adoeçam, caso isto aconteça seu afastamento para cuidar das crianças não é bem vindo. A mulher que já tem filhos sabe que fica mais fácil encontrar vagas de trabalho quando os filhos já estão crescidos, assim não demandam tanta dedicação

- O Brasil apresenta a taxa de 54% de cesáreas e em sua maioria eletivas, ou seja, realizadas com hora marcada, pois se entende tecnocraticamente que seu corpo já não é capaz de parir onde e como quiser. Além do que os médicos não querem

gastar tempo com um parto normal que pode durar doze, vinte quatro ou quarenta e oito horas, sendo que uma cirurgia cesárea pode ser realizada em torno de quarenta e cinco minutos e supostamente asséptica pode render ao médico e ao hospital muito mais dinheiro.

- A licença maternidade varia de quatro a seis meses, sendo que a OMS (Organização Mundial de Saúde) indica que o bebê deve mamar exclusivamente no peito até os seis meses.

- O campo de atuação da mulher no pós-parto resume-se ao lar (não lugar) onde além dos cuidados da criança lhe são agregados os cuidados da casa como lavar, passar, cozinhar, limpar (atividades repetitivas que não acrescentam qualquer processo de engrandecimento intelectual e que são altamente valorizados em nossa sociedade do espetáculo) além dos cuidados com o bebê.

- Culturalmente é passado para a mulher que esta deve dar conta de todo o cuidado com seu companheiro (afinal este sai para trabalhar todos os dias e a mulher fica APENAS com o bebê em casa). E ela, enquanto mulher-serva que serve, deve apenas cuidar do seu entorno, e do bebê que enquanto bebê é como ela servidor de entretenimento e igualmente descartável.

- Há uma valorização econômica dos bebês, o que estimula as mulheres a uma distração com cuidados superficiais (e supervalorizados) como: quarto do bebe e enxoval. Esta supervalorização leva as mulheres a se manterem às voltas com questões ideais e imaginárias sobre a maternagem o que as impede de mergulhar nas questões e reais da maternidade e do nascimento da mulher-mãe

- Não é de bom tom contradizer a máxima: a maternidade é uma benção. Ou seja, as agruras do casamento após o nascimento do bebê, os cuidados com a criança, a vontade de realizar projetos pessoais, reclamar de cansaço ou não receber as visitas são entendidos como comentários impróprios ou reclamações desmedidas. Afinal, a

maternidade deve ser aceita sem qualquer objeção, o que é um peso desmedido e completamente desnecessário, pois não há aprendizado sem reflexão e crítica.

- Há pouquíssimos lugares especializados que acolhem as puérperas pós-parto e pouca literatura sobre o assunto. A literatura que existe fala sobre Depressão Pós-parto, o que não tem nada a ver com questionar a transição e a nova posição da mulher-mãe-profissional-esposa-reflexiva.

- Há uma fetichização da maternidade e da infância. Desta forma nada mais interessante do que institucionalizar este fetiche transferindo para berçários, creches, escolinhas os cuidados com as crianças o que mantém mães e filhos como reféns das últimas tendências da moda, do infantilismo e da superficialidade.

À mulher-mãe, resta conciliar suas escolhas de maternagem, esposa, mulher e profissional quase que sem qualquer apoio externo. No entanto, por outro lado há a arte que neste caso, através da *performance* apresenta uma possibilidade de empoderamento através do explicitar das agruras da Vida Nua o surgimento de uma Vida Nova, cheia de vida e reflexões como veremos mais adiante.

## **CONDUTA DURANTE A PERFORMANCE**

A permanência da *performance* foi de três dias, sendo terça-feira à noite das dezoito e trinta horas às vinte e uma e trinta horas, quarta-feira à tarde das catorze às dezessete horas e sexta-feira à tarde das quinze às dezoito horas. Durante cada uma das *performances* as seguintes regras deveriam ser obedecidas:

Mãe e Bebê	Mãe e Bebê	Bebê	Visitantes
Proibido deixar o espaço demarcado antes do final da	Livre movimentação no espaço	Permitida troca de fraldas (não ocorreu)	Proibido adentrar ao local



<i>performance</i>	demarcado		demarcado
Proibido aceitar alimento dos visitantes	Livre interação com os visitantes	Permitido mamar em livre demanda	

### **A PERMANÊNCIA NO L.O.T.E. 2013**

A seguir alguns comentários e diálogos entre as *performers* e o público:

a) - Não, eu não posso te tirar daí.

E a bebê continuava a dar os braços para uma visitante.

- Não, mas eu não posso te pegar.

E a visitante segurou as mãos da bebê.

E bebê e visitante permaneceram de mãos dadas. Uma em cima da cama e a outra do lado de fora do espaço demarcado. Até que a bebê envolveu-se com outra coisa e largou a mão da visitante

b) - Nossa, mas quantos meses ela tem? Que esperta!

c)- Oh! Mas que sorriso lindo!

d)- E vocês, o que estão fazendo aqui? Eu não entendi a obra.

- Você já leu a placa?

- Não

- Então leia.

- Vida Nua. O que é Vida Nua?

- Já ouviu falar de Giorgio Agamben?

- Não, mas vou pesquisar.

e)- Qual o título da obra?

- Está na placa.

- Cadê a placa?

- Está no chão aqui ao lado

- Não, não está não, acho que a moça da limpeza sem querer limpou.

f)- Quanto tempo vocês ficam aqui?

- Três horas seguidas.

- E se sua bebê se comportasse de outra forma, você também ficaria aí exposta?

- Se ela se comportasse como?

- Chorasse ou gritasse.

- Sim, eu ficaria pois esta é a vida real.

g)- Sabe, eu vi vocês aqui ontem e fiquei pensando o que uma mãe e uma filha estão fazendo aí paradas

- E o que você acha que estamos fazendo?

- Não sei.

- Você já viu uma mãe e uma filha em exposição?

- Não.

- Pois é, estamos expondo a nossa relação. Algo tão banal aos olhos do mundo que chegou ao ponto de precisar ser sacralizado.

h) – Que horas vai começar a *performance* de vocês?

- Já está acontecendo

i) – Você sabia que dá um desconforto enorme quando passamos por aqui e encontramos apenas as roupas expostas? Ficamos pensando: onde estão as pessoas.

- Pois é, será que as roupas por si só já não mostram a nossa fragilidade? Onde estão as pessoas que deveriam estar vestidas com estas peças?

j) – Aprendi uma grande lição de vida com vocês: será que vou conseguir ser um bom pai? Quando será que me tornarei pai? Esta é uma grande responsabilidade. Passei a pensar na minha relação com a minha família.

- Nunca estaremos preparados. O importante é estarmos disponíveis para aprender pois não seremos perfeitos.

k) – Não posso entrar aí com vocês, né? Senão farei parte da obra.



Fig. 04. Paula e Lia. *Vida Nua*, 2013.  
Fotografia Will Aguiar



Fig. 05. Paula e Lia. *Vida Nua*, 2013.  
Fotografia Will Aguiar.



Fig. 06. Paula e Lia. *Vida Nua*, 2013. Fotografia Will Aguiar.

### Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**, trd. Henrique Burigo, 2 ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**: São Paulo. Editora Perspectiva, 2011.

DEPARTMENT, Events. **ICE SCULPTURE**. Disponível em: <<http://www.eventsdepartment.com/icemagic-corporate.html>>. Acesso em: 02/12/2013.

RUPESTRE, Pintura. Disponível em: <<http://www.fumdham.org.br/pinturas.asp>>. Acesso em: 02/12/2013.

ROUSSEL, Mathilde. Lives of grass 1, 2010. Disponível em: <<http://www.mathilderoussel.com/index.php/works/lives-of-grass/>>. Acesso em: 02/12/2013.

## **SOBRE OS AUTORES**

Paula Tura: Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie. Especialista em Yoga pela UniFMU. Especialista em Ecologia, Arte e Sustentabilidade pelo Instituto de Artes da UNESP. Pedagoga formada pela Universidade Mackenzie.

Norberto Stori: Prof. Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura do CEFT/Universitária Presbiteriana Mackenzie. Livre Docente em Artes Visuais/IA-UNESP/SP. Mestre e Doutor/Universidade P. Mackenzie/IA-UNESP. Artista plástico.